

OBRA 'OS SINOS SE DOBRAM POR ALFREDO' E SUAS IMPLICAÇÕES NA VIDA DOS IMIGRANTES EUROPEUS NO EXTREMO OESTE CATARINENSE

Otília Maria Dill Al Hamawi¹

O presente artigo visa uma literatura comparada entre a personagem da obra “Os sinos se dobram por Alfredo” e a vida dos imigrantes europeus na colonização do extremo oeste catarinense, cujo objetivo é compreender de modo abrangente, de que forma as ações de repressão sofridas pelos moradores de Itapiranga-SC, antiga colônia Porto Novo especialmente nos primeiros anos da década de 1940, durante o período do Estado Novo de Vargas (1937-1945) se entrelaçam ou se distanciam da de ‘Alfredo’, personagem fictício. Para lograr êxito, será feito um comparativo entre trechos da obra de Paulino Eidt e as falas de algumas pessoas que experienciaram esse momento. Ao longo de um mês se efetuaram algumas visitas às famílias com remanescentes europeus e, em uma conversa agradável foram introduzidos alguns aspectos do livro de Eidt e um convite para o imigrante falar sobre essa parte da história. Cada um dos entrevistados teve explanado o objetivo do trabalho, também se fez um comentário sobre a história de ‘Alfredo’, embora todos já conhecessem a obra. Depois, vieram as indagações e as respostas dos depoentes. Prefere-se manter em sigilo as identidades dos imigrantes, haja vista o fato de não ter sido feito termo registrado de conduta, apenas na oralidade. Destaca-se apenas que os entrevistados e a entrevistadora residem no município de Itapiranga -SC, a qual foi palco de atrocidades cometidas ao imigrante alemão por forças nacionais. Se procede ao corpo do artigo e se apresentam os trechos da obra e as declarações dos depoentes. Para não citar os nomes dos entrevistados, optou-se por usar nomes de árvores para identificar suas falas.

Na pequena cidade de Porto Novo – atual Itapiranga SC, a repressão esteve fortemente presente na época de 1937 até 1945, pelo fato de que aqui estava estabelecido um núcleo relativamente homogêneo de alemães e católicos, os quais eram imigrantes europeus, fazendo parte de um núcleo

¹Docente da Uceff, habilitada em Letras Português e Inglês e suas respectivas Literaturas. Especialista no Ensino da Língua Inglesa. Doutora em Educação pela Universidad Católica de Santa Fé, Santa Fé de la Vera Cruz, Argentina. Atua na Uceff como professora de Línguas desde 2002.

étnico e religiosamente homogêneo, alicerçado no germanismo e catolicismo. O projeto de colonização Porto Novo tem suas origens no ano 1926. A colonização foi planejada, organizada e promovida pela 'Volksverein für die Deutschen Katholiken in Rio Grande do Sul' - Sociedade União Popular para Alemães Católicos no Rio Grande do Sul, fundada em 1912 pelos jesuítas alemães de São Leopoldo, R.S. Entre os colonos era conhecida simplesmente como Volksverein - Sociedade União Popular. Segundo Eidt (2011), o projeto de colonização Porto Novo foi uma resposta concreta do novo modelo eclesial, desejado pela igreja romana do século XIX. Itapiranga passou a ser reconhecida em 1926, deixando de ser Porto Novo.

Assim como 'Alfredo' - que havia sido trazido pela cegonha em uma triste noite, esses alemães chegaram ao Brasil com a incrível promessa de seu governo, de que aqui jorrava leite e mel, que essa era a terra dos sonhos. Os descendentes dos imigrantes visitados lembram que seus pais tinham isso por promessa de modo que abandonaram tudo o que tinham na Alemanha, inclusive as demais pessoas de sua família e se embrenharam nas matas virgens. Alfredo também nasceu pobre e desamparado, isso já é um elo entre o personagem e os imigrantes, haja vista o total abandono por parte do governo brasileiro.

Essa afirmativa está clara em Eidt (2011, p.33) quando o pai de Alfredo desabafa com a esposa

Nada do que foi anunciado sobre a nova colonização é verdade. Fomos largados num mundo primitivo e enganados pela propaganda e mentirosa da colonizadora, que nos vendeu um sonho de felicidade. Cadê as planícies? Onde comprar e vender nossos produtos? E os vizinhos, quando virão?

A depoente Madressilva confirma que realmente sentiam as agruras do abandono, nenhum vizinho, nenhuma ajuda, nada. Estavam fadados ao esquecimento, se não lutassem por conta própria, sucumbiriam. Isso fez com que os pequenos núcleos se unissem cada vez mais.

Nas primeiras décadas de colonização (anos 1920 a 30), Itapiranga era considerada uma colônia com forte valorização de elementos estrangeiros, especificamente a língua alemã, sendo que esta era falada normalmente em todos os locais, tanto na igreja, quanto na escola e em casa.

Quando Alfredo entrou na sala e o professor começou a falar com eles, foi como se ele estivesse em casa, tal era a familiaridade com a língua, com os valores pregados e com a rigorosa disciplina imposta pelo ‘Schullehrer’ – professor. Eidt (2011) faz referência a isso, salientando a unicidade da língua alemã em todos os locais. Também Madressilva, Gerânio e Jasmim confirmam essa parte. Mais um ponto em que se entrelaçam as vidas dos imigrantes com a de Alfredo. Disciplina era palavra de ordem em todo lugar. É um traço característico do europeu.

Contudo, também havia momentos em que as crianças aprontavam. Os depoentes contam alguns fatos inusitados e lembram que, quando um aprontava, todos levavam o castigo, que geralmente era com um açoite. O pai era quem batia e a mãe não devia se meter. Para Alfredo, valia o mesmo. Ele também apanhava quando seus irmãos apanhavam, independentemente de ter praticado algum ato ilícito. “ Seus pais buscavam a boa educação por meio de açoites. Não havia isenção de pena: na dúvida, todos eram igualmente castigados”. (EIDT 2011, p. 45)

As famílias tinham a assinatura da revista Skt Paulusblat (editada em alemão); os rádios - embora poucos, sintonizavam as estações de rádio alemãs via ondas curtas; as escolas paroquiais ensinavam em alemão. Alfredo e sua família tiveram esses elementos também presentes em seu lar. Gerânio destaca que aos domingos era frequente que se passeasse na casa de uma família que tivesse um rádio com a esperança de ouvir algumas notícias sobre a pátria-mãe, ouvir umas músicas e, quem sabe, dançar uma polka.

Nessa época começam os rumores sobre a raça ariana. Conforme depoimento de alguns remanescentes europeus, os alemães espalhados pelo mundo, entre eles, natos e descendentes, se entusiasmaram pelas novidades políticas e a ideia de raça superior propagada por Hitler, e em Porto Novo, essa ideia agregada ao ensino da doutrina nazista também empolgou o povo na década de 1930.

“Em Itapiranga, o povo se empolgou com o nazismo, desfraldando estandartes com a suástica hitlerista em 1935”, lembra Madressilva salientando que este fato de aproximação e simpatia de parcela do povo com a ideologia Nazista trouxe consequências profundas à população local, especialmente a

partir de 1938, quando as primeiras ações nacionalistas de Vargas em torno da formação da identidade nacional começaram a ser postas em prática.

Ainda eram um povo alemão e isso Gerânio deixa bem claro quando enfatiza que era com orgulho que os pais ensinavam a língua-mãe e pediam para os filhos fazerem as orações nessa língua. Isso também acontece com Alfredo, na hora de qualquer oração, eles pediam a bênção em alemão. Jasmim lembra ainda que os sinos se dobravam às 6 da manhã, ao meio-dia e às seis da tarde. Em todos os momentos, onde quer que estivessem, quando ouviam o soar de um sino deviam parar seus afazeres e fazer uma oração ao anjo da guarda.

Todavia, aos poucos, os grupos de colônias começaram a chamar a atenção das autoridades, haja vista o forte sentimento de preservação da cultura e dos valores europeus; mais uma vez se desperta o fantasma do perigo alemão. Como resultante, desencadeia-se a Campanha de Nacionalização. Portanto, o Estado Novo combateria, a partir desse momento, os “quistos étnicos” pautado no discurso de “construção da brasilidade” e “nacionalização do estrangeiro”. Para isso, faria uso de todos os meios possíveis para sua legitimação.

Neste contexto, Itapiranga inegavelmente configura também como um “quisto étnico” e, por conta disso, a Campanha de Nacionalização adotou a língua portuguesa como elemento definidor de “ser brasileiro”. O indivíduo que residia em território nacional e a desconhecia, automaticamente era tachado de desnacionalizado e significava uma ameaça potencial à nacionalidade brasileira.

Por conta disso, nessa época, a presença alemã era uma ameaça, um perigo. O primeiro golpe sofrido pelos alemães de Itapiranga foi a Lei de Nacionalização do ensino, assim como a proibição de falar o alemão. Porto Novo era uma colônia que recebeu apenas alemães e católicos, e poucos sabiam se comunicar em português. Não houve tolerância: havia a proibição de falar Alemão em qualquer lugar. Sequer uma saudação, uma interjeição, ou chamar um animal em alemão foram tolerados.

Conforme depoentes, as mulheres eram respeitadas e, caso alguma mulher xingasse o gado ou usasse qualquer imprecação na língua alemã, o castigo caía nos ombros do marido, pois era ele que devia tomar conta da

mulher, mandar na mulher. Isso está claro também para Alfredo, pois quando seus pais brigavam a mãe sempre estava errada e o pai terminava a gritaria com a famosa frase ‘– Neste terreiro, quem canta é o galo e não a galinha’ (Eidt, 2011 p, 57). Essa frase em alemão os depoentes também conhecem e já vivenciaram seu uso.

As falsas denúncias eram frequentes e aconteciam entre vizinhos quando o relacionamento era invejoso. Havia Inspetores de Quarteirão que entregavam compatriotas às autoridades, quando os flagravam ou quando recebiam alguma denúncia de fala indevida de alemão. Vizinhos, outrora tão solidários, denunciavam-se nem que para isso tivessem que espiar ou escutar a conversa das famílias escondidos próximos às casas. O espírito fraterno que havia entre os habitantes das comunidades foi substituído pela desconfiança, o ódio, a denúncia vazia, a mágoa. Esses comentários são relatos dos depoentes Madressilva, Jasmim e Gerânio. Todos os dias eles eram lembrados da proibição do uso da língua alemã. Quem fazia esse apelo eram os pais ou irmãos mais velhos.

Esse fato está bem saliente na vida de Alfredo. Ele também passou por essa parte do contexto histórico. Passa aqui o trecho em que Arthur, pai de Alfredo, precisa dar esse comunicado à família.

Um perigo iminente requisitava o envolvimento das lideranças de uma forma geral. Com o semblante sério, Arthur, retornando somente a altas horas da noite. No dia seguinte, alertou a família de um perigo horroroso que rondava a região. Ordens externas ao local davam conta de que não poderiam mais se comunicar em alemão nos locais públicos, sob pena de serem presos. (Eidt, 2011, p. 114)

Faz-se necessário acrescentar aqui, que a colonização de Porto Novo é bastante peculiar e desenvolveu-se na zona cujos limites geográficos são o estado do Rio Grande do Sul e o país da Argentina. Neste espaço está inserida uma pequena comunidade a qual recebeu a partir de 1931 alemães “natos” – Deutschländer, que se estabeleceram num núcleo fechado em si mesmo, recebendo portanto, exclusivamente alemães imigrantes da Alemanha, ocorrendo a demarcação de uma região, um núcleo, para assentar os imigrantes – Deutschländer.

Conforme ocorriam as alterações políticas no mundo e a iminência de uma guerra, em Itapiranga também se sentem as consequências desses conflitos. Agora os alemães deviam se ajustar aos termos arbitrários de uma política brasileira, pois antes desses contratempos, havia uma relativa autonomia nas colônias germânicas, com as autoridades bastante indiferentes à organização das mesmas. Torna-se inevitável comentar que toda a população da zona restrita do distrito de Itapiranga era exclusivamente católica e alemã de origem. Isso reforçava a questão de se aplicar imediatamente o nacionalismo, pois esses moradores alemães eram consideravelmente perigosos, de acordo com depoimentos dos visitados.

‘Era muito triste notar que as pessoas nos odiavam. De uma hora para outra nos tornamos perigosos, somos uma ameaça à nação brasileira. Isso que antes desses conflitos não havíamos tomado consciência de uma nação brasileira’ foi o desabafo de Jasmim. Conferindo, os dois outros depoentes tiveram a mesma impressão. Também lembram que foi nessa época que as escolas não deviam mais apreciar a língua alemã.

Um dos argumentos para tal era de que os teuto-brasileiros eram adeptos ao nazismo. Em 12 de dezembro de 1938, foi assinada a lei de reforma do sistema de ensino, o decreto nº 7.614, onde dizia que a instrução primária seria ministrada exclusivamente em português, que levou ao fechamento temporário de todas as escolas da colônia Porto Novo. Conforme Eidt (2011, p. 35), “o modelo escolar pautado no professor comunitário e arraigado nas sociedades teuto-brasileiras desde o século XIX sofreu grande impacto em 1938”.

Esse é outro fato que acontece também com Alfredo.

Os dias seguintes eram de aflição e ansiedade. Alfredo soube que as escolas foram fechadas e não seria mais do controle da comunidade local. Professores, com inferioridade moral e intelectual, vindos de outros lugares distantes, a qualquer momento se apresentariam. Os pais teriam que confiar seus filhos a homens de espírito estreito e de pouca fé, que ministrariam aulas na Língua Portuguesa. (Eidt, 2011, p.114)

Está ali um pré-conceito sobre os novos professores que viriam substituir os professores de origem alemã, sustentados pela comunidade. Conforme lembram os depoentes, seus pais forneciam alimentos para o professor. Esse

eram bem variados: frangos, ovos, banha, melado, peixe ou umas horas de serviço na pequena propriedade do professor. Os pais estavam apreensivos, pois consideravam os novos professores pessoas de nível inferior ao alemão, com menos conhecimento. Faz-se necessário destacar que muitos imigrantes eram bacharéis formados, agrônomos, agrimensores, médicos ou mesmo com licenciaturas. A educação e religiosidade eram os valores mais cultuados pelos imigrantes, especificamente os que formavam o núcleo seletivo da pequena comunidade.

Até março de 1942 apenas haviam sido executadas as ordens de fechar as escolas e implantar a língua portuguesa no lugar da alemã. Contudo, depois disso, a medida mais profunda foi a instalação da Brigada Militar do Rio Grande do Sul no distrito. Os depoentes lembram dessa época como algo muito confuso e de difícil compreensão por parte dos alemães; todos deveriam fazer um recadastramento; recolha de armas e rádio e receptores, haja vista o rádio ser considerado um veículo de expansão de maleficências; posse obrigatória de Salvo Conduto; proibição de falar o alemão, em qualquer que fosse o lugar, inclusive na própria casa ou tratamento a um animal; desqualificação da cidadania, considerando os alemães pessoas perigosas houve a recolha e destruição de todo e qualquer material impresso em idioma alemão.

Conforme o relato dos entrevistados, a Brigada Militar do Rio Grande do Sul esteve em Itapiranga entre fevereiro de 1942 a julho de 1944, responsável pela nacionalização dos alemães de Porto Novo, assimilando e integrando os alemães à sociedade brasileira. Sobre a atuação da Brigada, eles lembram que o período foi marcado por perseguições e abusos, cometidos pelas autoridades policiais.

Conforme Jasmim, em todos os lugares se viam cartazes com dizeres de 'Proibido falar alemão'. Além disso, ele ainda acrescenta que os próprios militares eram ladrões, pois entravam nas casas e roubavam pertences, comidas e roupas. Também batiam muito nas pessoas, algumas eram mortas, inclusive.

Gerânio completa que os militares cobravam uma espécie de propina, foram eles que instituíram que se deveria estar sempre com o Salvo conduto, e

quando alguém estava sem, os militares cobravam dinheiro, comida ou favores para 'fechar o olho.'

Para Alfredo, isso também estava presente. Em uma cavalgada à vila, seu pai estava explanando sobre os militares e com medo de encontrá-los, foi dizendo aos filhos que não deveriam olhar para eles, apenas responder o essencial.

O medo de Arthur se concretizou. Próximo a uma vertente de água, enquanto estavam falando distraidamente a língua materna, foram abordados pelo Comissário que, a essa hora, fazia a ronda. Alfredo ficou com o corpo arrepiado, enquanto ao pai foi solicitado o Salvo Conduto. O Comissário examinou atentamente aquele papel onde a dignidade humana era reconhecida e que, no entanto, para Alfredo era insignificante. (Eidt, 2011 p. 130)

A depoente Madressilva ainda acrescenta que foram eles que expulsaram todos os estrangeiros, com a família, de Itapiranga, sem esperança de retorno. Os militares invadiam as casas e queimavam todos os panos ou toalhas com alguma frase ou palavra em alemão. Madressilva ainda lembra que este período foi um dos capítulos mais sombrios da história de Porto Novo, quando as maiores atrocidades ocorreram.

Parte delas esteve associada a uma investigação sobre um suposto contrabando de armas que teria chegado em Itapiranga em 1939. "As armas seriam tantas que permitiriam um levante pró-nazista ou até a formação de um pelotão de guerra alemão em Itapiranga e região". No depoimento de Rosa consta "Meu pai e o de Jasmim foram acusados de terem recebido algo em torno de duas mil armas do Kliemann e as escondido, no intuito de armar os alemães residentes em Porto Novo". Esse depoimento foi colhido de Rosa, um alemão nato, que veio ao Brasil com seus 3 irmãos e pais. Retornou à Alemanha depois de 46, na companhia de seu irmão. Pelo fato de ter mais 2 irmãos aqui no Brasil e por ter gostado do clima, Rosa voltou ao Brasil, casou e fixou moradia na cidade de Itapiranga.

Para a família de Alfredo, essa questão de armas também esteve no relato.

A fim de arrefecer o ânimo dos mais exaltados, os policiais apelavam para o castigo corporal. Alfredo soube que sobre o Sr Kliemann pesavam as maiores acusações. O comerciante foi supliciado por vários dias sem que ninguém advogasse em sua defesa. A versão oficial dava conta de que teria em sua

posse armas e uma emissora de rádio clandestina. Alfredo não conhecia rádio e nem vitrola. (Eidt, 2011, p. 133)

A história desse comerciante é conhecida por todos aqui em Itapiranga. Hoje ele é lembrado com seu nome em um prédio de 14 andares, construído no terreno de propriedade da família, local onde aconteceram as atrocidades que resultaram em seu óbito.

Nessa mesma época, alguns alemães (homens) da pequena comunidade se refugiaram nas matas argentinas para fugirem dos militares nacionalistas. Eram alemães natos, não sabiam falar português. Abandonaram suas famílias e terras e retornaram apenas após o término da segunda guerra mundial. Alguns fixaram residência na Argentina e voltaram apenas para buscar sua família.

Um depoimento de Rosa dá uma dimensão sobre o ocorrido. Seu pai foi um dos alemães natos – Deuschländer que deixou o Brasil e se refugiou na Argentina em agosto de 1942, de onde retornou dois anos mais tarde: Mal haviam se estabelecido em Porto Novo, após terem vindo de um período turbulento de guerra da Alemanha, abandonando aquele país por causa de Hitler. ‘Foram perseguidos também no Brasil e eram considerados adeptos de Hitler, o que é uma inverdade. Se isso fosse verdade não teriam deixado a Alemanha anos antes. Não restava outra alternativa para eles: ou fugiam ou seriam presos’, finaliza Rosa.

Registra-se aqui, que Alfredo não soube dessa passagem, isso porque era segredo, ninguém devia saber que alguns homens estavam refugiados nas matas argentinas. Por conta disso, essa parte é a única que não se entrelaça com a história de Alfredo. As demais partes todas estão situadas no tempo e espaço, de acordo com as reminiscências dos depoentes. Nesse ponto, verifica-se que há verdades nesses depoimentos, haja vista que a obra de Alfredo se baseia em fatos que efetivamente ocorreram na época entre 1937 a 1945. O fato de não se saber sobre a deserção de vários homens da comunidade, demonstra o quanto isso era mantido em sigilo. Pelas famílias para não comprometer outros familiares; pelos policiais para que não se registrasse sua incompetência na gestão de controle dos alemães.

A entrevista foi muito divertida, pesarosa, mas também trouxe alívio para um depoente alemão que não se sente muito à vontade para falar sobre o assunto. Os demais adoram recordar os fatos e deixar como legado a coragem, persistência e resiliência de seus ancestrais ou mesmo da parte deles que estiveram diretamente envolvidos no contexto histórico de forma vivencial.

Embora seja possível continuar esse relato por várias páginas, cabe ressaltar que não havia necessidade de maior relatório, haja vista o fato de isso se transformar apenas em um artigo. Resta agora declarar que foi alcançado o objetivo que era verificar em que pontos a história de Alfredo se entrelaça e distancia da realidade vivida pelos imigrantes europeus na colonização de Porto Novo, atual Itapiranga SC. Entende-se que é de suma importância registrar esses momentos em forma de livros ou documentários, de modo que não se percam ao longo da passagem dos anos.

Referência

EIDT, Paulino. **Os sinos se dobram por Alfredo**. Argos. Chapecó. 2011